

O COLÓQUIO “A REDE VIÁRIA DA CALLAECIA”, BRAGA, 17 E 18 DE NOVEMBRO DE 1995

1. BREVE EVOCAÇÃO DO ESTUDO DA GEIRA, NA ÁREA DO PNPG

FRANCISCO SANDE LEMOS

Durante uma primeiras das campanhas efectuadas em *Bracara Augusta*, na colina do Alto da Cividade, o antigo director do Parque Nacional da Peneda-Gerês, engenheiro Moreira da Silva, visitou os trabalhos em curso e aproveitou para formular um convite à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Pretendia o director do Parque que uma equipa do Campo Arqueológico de Braga principiasses o estudo da Geira, que até então nunca fora objecto de trabalhos sistemáticos, apesar dos relatos de José Matos Ferreira (século XVIII) e de Martins Capella (século XIX). Foi, assim, que em Maio de 1978 uma equipa do Campo Arqueológico se deslocou para a serra do Gerês, ficando instalada numas casas junto aos antigos lagos de trutas, na zona de Albergaria.



Apesar da chuva quase permanente, utilizando estruturas metálicas cobertas com oleados, organizaram-se vários núcleos de trabalho que se distribuíram por diferentes pontos da Geira, efectuando sondagens na milha XXXII, na própria zona de Albergaria à procura de uma hipotética *mutatio* ou *statio*, no trajecto da via e na ponte de S. Miguel. Nestes trabalhos participaram Francisco Alves, Francisco Sande Lemos, Luís Fontes, Victor Hugo Coimbra Torres, Clara Rodrigues, Cila Rodrigues, Jesus Martinho, Filipe Antunes, Isabel Marques, Maria Silva, Palmira Ramoa, Prim, Fernando Barbosa e Mário Meireles.

No Verão, uma campanha mais dilatada, embora com menor número de participantes, permitiu limpar a cobertura florestal que escondia e danificava os arranques das pontes de S. Miguel e da Ribeira do Forno, ameaçando o aparelho romano, devido às raízes que se infiltravam entre as pedras, aproveitando-se, também, para remover os derrubes que escondiam os paramentos da ponte de S. Miguel.

Os resultados das duas intervenções foram discriminados num volumoso relatório de dois tomos, entregue no Parque Nacional da Peneda Gerês, sendo outro exemplar enviado à Secretaria de Estado da Cultura.



Na sequência do relatório foi decidido solicitar o apoio da UNESCO, para um projecto de restauro de maior envergadura. A fim de elaborar um parecer deslocou-se a Braga, em Outubro de 1980, o doutor Rugger, director do "Landes Museum" de Bona, que emitiu um documento muito favorável.

Contudo o apoio da UNESCO nunca se viria a concretizar.

Nos anos 80, recorrendo às verbas PIDDAC do IPPC, realizámos três campanhas de trabalho, que embora incluíssem escavações e outras tarefas, como o desenho de alçados, tiveram sobretudo como finalidade limpar as estruturas envolventes das pontes e a área circundante dos marcos, a fim de evitar a progressão do matagal.

Finalmente, em 1992, o PNPG, sob a direcção do engenheiro Tito Costa, abalançou-se a uma intervenção de maior fôlego, não sem que a divisão regional de arqueologia do IPPAR-Norte tivesse levantado reticências, sem fundamento, de todo incompreensíveis.

Durante a campanha de 1992, orientada por mim e pelo Dr. António Martinho Baptista, como aliás as dos anos 80, foi preciosa a colaboração do srs. Jesus Martinho e Manuel Pires Afonso, que enquadraram durante vários meses uma equipa de trabalhadores recrutados em S. João do Campo.

Limpam-se os sítios já nomeados, ou seja a ponte de S. Miguel e as da ribeira de Maceira e do Forno, mas também se realizou o desbravamento do mato que escondia a estrada romana no seu troço entre a estrada que conduz à barragem de Vilarinho das Furnas e a Bouça da Mó. Foi, ainda, limpa de mato a via entre Albergaria e a fronteira (Portela do Homem), revelando-se aspectos inesperados. Efectuaram-se escavações em três pontos: no santuário de S. João do Campo; na milha XXIX e na *mutatio* descoberta junto à milha XXX. De entre o arvoredado e mesmo do leito de ribeiras recuperaram-se numerosos miliários, que foram reerguidos. Ao todo conhecem-se, hoje, 84 miliários, nas quatro milhas abrangidas pelo território do PNPG. Foram, ainda, detectados diversos afloramentos rochosos de onde se extraíram miliários, bem como pedreiras relacionadas com as pontes.

Dos resultados desta campanha foi dado imediato conhecimento público, através de uma conferência de Imprensa que decorreu na sala Manuel Monteiro, da Biblioteca Pública de Braga.

Em 1993 e 1994 o estudo da Geira esteve algo adormecido.

Todavia, em 1995 o PNPG e a Unidade de Arqueologia juntaram-se, contando, também, com o apoio do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, para evocar a Geira e a rede viária da *Callaecia*, num colóquio evocativo do centenário da edição da conhecida obra de Martins Capella, *Miliários do Conventus Bracaraugustanus*.

Intervieram no colóquio, para além dos arqueólogos mais ligados ao estudo da Geira e já mencionados, os professores catedráticos Jorge Alarcão e José d'Encarnação da Universidade de Coimbra, o Dr. Vasco Gil Mantas, da mesma universidade, os professores Caamaño Gesto e Rodriguez Colmenero da Universidade de Santiago de Compostela, bem como Alain Tranoy, professor e reitor da Universidade de Poitiers.

O Colóquio, que durou dois dias e que terminou com uma visita à Geira, seguida por uma sessão de encerramento nos paços do concelho de Terras do Bouro, teve numerosa assistência que encheu um dos novos anfiteatros da Universidade do Minho. No mesmo local, a Biblioteca Pública de Braga organizou uma pequena exposição bibliográfica sobre o tema.

Os textos das intervenções darão entrada na tipografia no mês de Maio de 1996.

Entretanto foi publicado um "Roteiro da Geira" (autores: António Martinho Baptista, José d'Encarnação e Francisco Sande Lemos), iniciativa que despertou um bom acolhimento junto da opinião pública.

Dado o seu interesse transcrevem-se adiante o programa do Colóquio, bem como as conclusões, redigidas por José d'Encarnação, cujo contributo foi decisivo para o êxito dos trabalhos.

2. PROGRAMA DO COLÓQUIO

A REDE VIÁRIA DA *CALLAECIA* (17 E 18 DE NOVEMBRO DE 1995)

Comemora-se, no corrente ano, o centenário da edição da obra de Martins Capella sobre os miliários do *conventus* de *Bracara Augusta*.

Para assinalar a efeméride, o Parque Nacional da Peneda – Gerês (PNPG), em conjunto com a Câmara Municipal de Terras de Bouro e a Universidade do Minho, e com o apoio da Universidade de Coimbra, vai promover um colóquio sobre A Rede Viária da *Callaecia*, nos próximos dias 17 e 18 de Novembro.

O colóquio decorrerá em Braga. As comunicações serão agrupadas em sessões temáticas, conforme o programa abaixo indicado.

Está prevista uma visita a diversos pontos da Geira onde, nos últimos dez anos, se realizaram trabalhos arqueológicos de vulto entre as milhas XXVIII e XXXIV (estudo das pontes; sondagens em determinados troços da via para análise dos processos de pavimentação; escavação de uma *mutatio* na milha XXX; registo de cerca de 80 miliários do Alto e Baixo Império; limpeza do traçado da via numa extensão de várias milhas).

PROGRAMA

Dia 17

- 10.00 horas – Sessão de abertura, na Universidade do Minho (*Campus* de Gualtar)
Intervenções das Autoridades Académicas, do Director do PNPG e do Presidente da Câmara Municipal de Terra do Bouro
- 11.00 horas – *Evocação da vida e da obra de Martins Capella*
Prof. Doutor José Viriato Capela (Universidade do Minho)
- 11.30 horas – Inauguração da exposição bibliográfica sobre a Geira
- 14.00 horas – **1.ª sessão de trabalho**
- Populi da Callaecia: sua localização no território português*
Prof. Doutor Jorge Alarcão (Universidade de Coimbra)
- La route, image et instrument du pouvoir impérial dans le Nord-ouest ibérique*
Prof. Doutor Alain Tranoy (Universidade de Poitiers)

Miliários da Geira: informação e propaganda
Prof. Doutor José d'Encarnação (Universidade de Coimbra)

Debate

16.00-16.30 horas – **Intervalo**

Vias Romanas e Tecnologia na civitas de Viseu
Prof. Doutor João Luís Inês Vaz (Universidade Católica Portuguesa
– Pólo de Viseu)

Análise da fotografia aérea aplicada ao estudo do traçado da rede viária romana
Dr. Vasco Mantas (Universidade de Coimbra)

Dia 18

9.00 horas – **2.ª sessão de trabalho**

O traçado da via XVIII na Galiza
Prof. Doutor Caamaño Gesto (Universidade de Santiago de Compostela)

A Via XVIII no conjunto da rede viária relacionada com Bracara Augusta
Doutor Francisco Sande Lemos (Universidade do Minho)

Mansiones da Via Nova
Prof. Doutor A. Rodríguez Colmenero (Universidade de Santiago de Compostela)

O contexto paleo-ambiental da Serra do Gerês na época romana
Prof. Doutor José Meireles (Universidade do Minho)

Estudos arqueológicos realizados entre as milhas XXIX e XXXIV da Geira
Doutor Francisco Sande Lemos (UM) e Dr. António Martinho Baptista (PNPG)

Debate

13.00 horas – **Almoço**

15.00-18.00 horas – **Visita à Geira**

Milha XIX; *mutatio* da milha XXX; conjuntos de miliários do Bico da Geira e de Albergaria; antiga pedreira romana; ponte de S. Miguel; Portela do Homem

18.30 horas – **Apresentação de conclusões e sessão de encerramento**

3. AS CONCLUSÕES DO COLÓQUIO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Findo este Colóquio, não ficaram dúvidas nenhuma quanto à importância *patrimonial* da Geira: demonstram-no a abundância dos vestígios; o seu bom estado de conservação; a paisagem envolvente. Nem quanto à sua importância *histórico-científica*. Vimo-la através da arqueologia, da epigrafia e da história da economia, da política e da religião.

Cabalmente atestado fica também o interesse *turístico*, pois que o seu percurso permite um contacto ímpar com a Natureza e com a História. Um interesse a rendibilizar por meio de acções concertadas dos vários agentes intervenientes: Parque Nacional da Peneda-Gerês; Parque Natural do Baixo Limia e serra do Xurés; Câmara Municipal de Terras do Bouro e Universidade do Minho.

Sublinhou-se, ainda, o aspecto *historiográfico*: sobre a Geira há toda uma literatura que remonta, pelo menos, há séculos atrás; o que também acabou por transformar a Geira num caso ímpar da Arqueologia nacional, a par de Tróia, Miróbriga e Conímbriga. Recorde-se, a propósito, a obra, por diversas vezes citada, do Padre José de Matos Ferreira (manuscrito datado de 1728 e pela primeira vez editado em 1982).

Justificava-se, pois, este Colóquio. Talvez o nosso pecado – venial, esperamos – haja sido prepará-lo só agora. Quando, há anos atrás, surgiu a possibilidade de candidatura a avultado financiamento europeu, ainda as nossas instâncias intervenientes não estariam suficientemente motivadas. Hoje, os tempos são outros e a prova aqui está – e o nosso encontro nada mais é, afinal, já foi sublinhado, que o elo de uma cadeia, obviamente sem termo à vista, porque de ambas as partes – quer do lado português, através nomeadamente do Parque Nacional da Peneda-Gerês, quer da Galiza (com especial relevo para o Parque Natural de Baixa Limia-Serra do Xurés) – não falta (e oxalá nunca falte) vontade política. Saúde-se, aliás, a excelente colaboração existente, de que este Colóquio é bom exemplo e promissor augúrio.

Reunimo-nos, um grupo de especialistas nas várias disciplinas tocantes à Geira.

E começemos por enfatizar a sessão de abertura. Uma “cerimónia protocolar”, dir-se-ia com certo ar enfasiado das palavras de ocasião. Permitam-me que discorde: as cerimónias só são meramente protocolares se nós o quisermos; as palavras sempre poderão acoimar-se “de ocasião” se os intervenientes assim o entenderem.

No caso vertente, opinaria em contrário.

Das intervenções há que sublinhar o empenho total em fazer da Geira um grande pólo de atracção turístico-cultural do Noroeste, alicerçado em

cuidada integração histórico-arqueológica. E este, não é, na verdade, um compromisso menor.

Viriato Capela evocou, com saber, a vida multifacetada e a obra eminente, pioneira e clarividente de Martins Capella – cujo livro sobre a Geira, editado há cem anos atrás, foi, afinal, o pretexto para o nosso Encontro.

Temos, por vezes, demasiada tendência para menosprezar os nossos antecedentes; esquecemos facilmente que eles não dispunham de auto-estradas (nem as reais, nem as informáticas) nem gozavam das enormes vantagens do intercâmbio científico hoje quase banal – o pastor actual, apesar de perdido nas solidões montanhosas, está em contacto permanente com o mundo através do seu *transistor* (uma “revolução” a que, talvez, ainda não se tenha dado o seu incomensurável valor) e também – como quer o sugestivo anúncio televisivo – através do seu telemóvel.

Martins Capella foi um precursor. Há que reconhecê-lo. Há que homenageá-lo. Parecerá lugar-comum afirmar que não estaríamos aqui se ele, um dia, se não tivesse lembrado de minuciosamente registar o que viu, com o saber que então detinha; mas é verdade.

Louve-se a iniciativa da exposição bibliográfica. Ela documenta à sociedade o que atrás fica consignado. Bem hajam os seus organizadores. Este poderá ser o ponto de partida para um estudo histórico-documental da Geira, que vivamente se preconiza.

Uma via serve o povo. Não existe sem as gentes que a rasgaram, a calcorream, dela se serviram como elo de ligação. E quem foram essas gentes, que organização tiveram, que espaço ocuparam? Essa, a proposta que, eloquentemente, como é seu timbre, Jorge Alarcão nos apresentou, na sequência, de resto, da investigação a que, com os resultados conhecidos, ultimamente tem dedicado a maior atenção.

Alain Tranoy fez uma pausa na extenuante e possessiva burocracia da presidência universitária para, de Poitiers, descer de novo ao seu Portugal que – bem o sabemos – tem no seu coração. “A via, imagem e instrumento do poder imperial”: nunca é de mais salientá-lo e a Geira constitui, na verdade, um caso singular neste domínio, dada, sobretudo, a abundância ímpar dos miliários existentes. Uma abundância que justificaria, diga-se desde já, um empenho particular numa classificação patrimonial ao mais alto nível – europeu e mundial; e a eventual criação – Galiza e Portugal de mãos dadas – de um Museu do Miliário, onde se guardassem originais para deixar *in loco* réplicas resistentes. Abundância que representa, ainda, eficazmente quanto os imperadores, as populações e os funcionários imperiais estavam conscientes do real interesse estratégico-económico desta via.

Será ousado da minha parte afirmar que complementei a intervenção de Alain Tranoy. A intenção foi essa, demorando-me, de modo particular, nos aspectos epigráficos: a paginação, que não fora, apesar de o parecer, deixada ao acaso; a escolha da forma cilíndrica, que se revelou mais adequada para uma leitura em movimento. O contexto arqueológico original,

ou seja a pergunta, quase ingénua, “de que lado da via estava o marco?” fez a ponte, por assim dizer, para as intervenções seguintes.

Vasco Mantas falou em fontes escritas antigas, no seu silêncio estratégico e aflorou as técnicas de investigação arqueológica da rede viária.

Coube, depois, a Caamãno Gesto descer da teoria à prática, exemplificando com o traçado exemplar da via XVII na Galiza – uma via, como teve ensejo de o dizer... *fuit*, “existiu” – já não existe! Mas, com a ajuda dos seus diapositivos, imaginámo-nos, por momentos, viandantes romanos por montes e por vales, gozando de admiráveis paisagens.

E, com Rodríguez Colmenero, permitimo-nos repouso nas *mansiones* dessa via, cuja localização, afinal, lográmos mais ou menos identificar, com especial relevo para *Aquis Querquernis*.

* * *

No 2.º dia, Francisco Sande Lemos começou por enquadrar a Geira no panorama – bem vasto – das outras vias que saem de *Bracara Augusta*. E como o Colóquio surgira, naturalmente, na sequência dos trabalhos arqueológicos e de limpeza ultimamente levados a cabo, sob a orientação de F. S. Lemos e A. M. Baptista, Sande Lemos deu-nos um relatório preliminar desses trabalhos, preliminar mas deveras sugestivo. O percurso entre as milhas XXIV e XXXIV lançou inesperados jorros de luz: a identificação da *mutatio*, a recuperação dos miliários do Bico da Geira e de Albergaria, a observação dos vestígios da preparação *in loco* dos miliários (pormenor deveras invulgar), o estudo da ponte de S. Miguel – constituíram irrecusável aliciente para a vista da tarde, que nos trouxe a Terras de Bouro.

Por condicionalismos vários, os trabalhos arqueológicos iniciados em S. João de Campo – local de um muito provável santuário dedicado, pelo menos, à divindade indígena *Ocaera* – foram abruptamente interrompidos. Os participantes do Colóquio salientaram a importância dos trabalhos previstos para o troço da Geira exterior ao Parque, numa estratégia – que é real – de carrear mais-valias para a população local. Será por aí que deverá reiniciar-se a intervenção na via XVIII, pois, sem o estudo deste santuário, o nosso conhecimento da Geira ficará sempre incompleto.

Registamos, com agrado e satisfação, o empenho do PNPg, do PNBL-SX e da UAUM em prosseguirem, no próximo ano, o estudo exaustivo da Geira na Serra do Xurés-Gerês.

No repousante aconchego desta sala, caminhada feita, apetece-nos pôr em causa o batido conceito de interioridade. Seremos “interiores” apenas se o quisermos e, com a Geira “a funcionar”, Terras de Bouro perderá bem depressa tal característica, amiúde sinónimo de não-progresso, de múltiplos imobilismos. O estarmos aqui é prova em contrário – importa proclamá-lo.

E vou terminar.

Há um poema do imortal Antônio Machado que, alguém, um dia, numa agradável encruzilhada, quis comigo partilhar. Já o citei noutras ocasiões, também em presença de elementos duma universidade bem ligada ao conceito de “caminho” por excelência, a de Santiago de Compostela; mas julgo que, mais uma vez, o momento é adequado:

“Caminhante,
Não há caminho:
Rasga-se caminho ao andar!”

Rasgavam caminhos os Romanos; rasgámo-lo nós agora, de novo, para melhor compreendermos o antigo.

Há, porém, outros caminhos por abrir.

Aqui, nestes dias, apenas fizemos pausa em mutatio.

A retemperar forças.

Que o horizonte, senhores, desenha-se mais além...